

Tebet defende 'voto ostensivo' para relatório

UILSON PAIVA

O presidente do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar do Senado, Ramez Tebet (PMDB-MS), defendeu o "voto ostensivo" para o relatório do senador Saturnino Braga (PSB-RJ). "Muito mais do que o voto aberto, a sociedade nos pede o voto ostensivo", afirmou, na manhã de ontem, depois da palestra que fez sobre Lei de Responsabilidade Fiscal, promovida pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP).

Após sua palestra, para uma platéia formada por centenas de estudantes de Direito, o senador foi provocado pelo professor Régis de Oliveira (ex-vice-prefeito de São Paulo na gestão Celso Pitta) a manifestar-se sobre o episódio da violação do painel no Senado. Tebet garantiu que "a sociedade pode ficar tranqüila que o Senado irá cumprir seu dever." "A opinião pública terá resposta altamente satisfatória", disse.

Em tom mais enfático, o senador lembrou aos estudantes que "as instituições são muito maiores que os homens, pois os homens passam, elas ficam." Ao fim de sua declaração, Régis fez questão de marcar posição. "Queremos dizer ao senador que esperamos que o Senado realmente cumpra seu dever e casse os mandatos dos dois senadores (*Antonio Carlos Magalhães e José Roberto Arruda*)."

Os estudantes de Direito estão convencidos tecnicamente da culpa dos senadores. Mas desconfiam da "força" do Senado para cassar ACM. "Por todos os dados objetivos que existem, podem ser cassados os dois, mas acho que só o Arruda vai ser punido", disse Daniel Balam, de 21 anos, no 2.º ano da USP. "Há elementos para a cassação, mas não sei se os senadores terão força", afirmou Isabel Calich, de 22 anos, que cursa a Universidade Mackenzie. "Não acredito na cassação porque há possibilidade de um acordo entre o presidente Fernando Henrique e o ACM por causa da CPI da Corrupção", observou César Arantes, de 20 anos, da USP.

Os estudantes saíram desconfiados da palestra. "Ele falou que está começando o fim da era da impunidade no País, mas vamos ver o que vão fazer na comissão", disse Flávia Gatti, de 22 anos, da Pontifícia Universidade Católica (PUC).